

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA  
(ESTUDO DE CASO)**

**DENICIARA ODÉRIO DE SOUZA**

ANÁPOLIS-GO

2010

DENICIARA ODÉRIO DE SOUZA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA (ESTUDO DE CASO)

Estudo de caso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Anápolis-Go

2010

DENICIARA ODÉRIO DE SOUZA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA

(ESTUDO DE CASO)

TCC apresentado á coordenação do curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-Go, 06 de Outubro de 2010.

APROVADA EM: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ /NOTA \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. MS. Sueli de Paula

Orientadora

---

Dedico esse trabalho aos meus pais, Luiz e Irica, razão do meu viver, a eles que acreditaram em mim, sempre me apoiaram na minha caminhada acadêmica incentivando a não desistir dos meus sonhos, dando-me força para retirar todas as pedras do caminho, em busca de um aperfeiçoamento profissional.

A minha professora Sueli de Paula que com sua experiência, domínio e dedicação me orientam na execução desse trabalho.

A todos os professores desde os primeiros anos de minha vida escolar que contribuíram na minha jornada.

## **Agradecimento**

Agradeço a Deus pela presença em minha vida por está junto a mim em todos os momentos me dando força nos mais espinhosos caminhar.

Obrigado por me conceber sonhos, oportunidades e realizações, creio Senhor que tens planos para minha vida profissional do qual quero fazer sempre por merece, pelas as graças concebidas o meu eterno obrigado senhor meu Deus.

## Sumário

Apresentação .....	8
2. Diagnóstico Psicopedagógico Clínico.....	9
2.1 - Instrumentos Utilizados .....	
2.1.1 – Anamnese .....	
2.1.3 - Provas do Diagnóstico Operatórias.....	10
2.1.4 - Provas Projetivas Psicopedagogicas .....	
2.1.4.2 - Família Educativa.....	11
2.1.6 - Entrevista com a Professora .....	
2.1.7 - Observações do Material Escolar .....	
2.1.8 – Hora do Jogo .....	
2.1.9 - Atividades Lúdicas .....	
2.10 – Jogos de Regras .....	13
2.2 - Análises dos Instrumentos Utilizados.....	
2.2.1 – Anamnese .....	
2.2.2 – Entrevista com o Cliente.....	14
2.2.3 – Provas do Diagnóstico Operatório.....	15
2.2.3.1- Prova de Intersecção de Classe .....	16
2.2.3.3 - Provas de Conservação .....	
Prova de Conservação de Pequenos conjuntos Discretos de Elementos .....	
2.2.3.4 - Prova de Conservação das Quantidades de Líquido .....	17
2.2.3.5 - Prova de Conservação da Quantidade de Matéria .....	
2.2.3.6- Prova de Conservação de Peso.....	
2.2.4- Provas Projetivas Psicopedagogicas .....	
2.2.4.1 - Eu e os Meus Companheiros .....	
2.2.4.2 - Família Educativa.....	19
2.2.4.3 - Par Educativo .....	
Ditado .....	
Leitura Silenciosa .....	20
Leitura em Voz Alta .....	
Redação .....	21
Copia .....	

2.2.4.5.2 – Matemática .....	23
Operação.....	
2.2.5 - Entrevista com Professora .....	24
2.2.6 - Observações do Material Escolar .....	25
2.2.7 - Hora do Jogo.....	
2.2.8 - Atividades Lúdicas .....	26
2.2.9 - Jogos de Regras .....	28
3 - Hipóteses Diagnósticas.....	
4 Sugestões e Encaminhamentos.....	
5. Conclusões.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	31
Anexos .....	33

## **Apresentação**

Este estudo de caso teve como origem o Estágio supervisionado Psicopedagógico Clínico, que teve como objetivo o diagnóstico Psicopedagógico Clínico de uma criança.

De acordo BOSSA (2000) A Psicopedagogia é a área do conhecimento que estuda a aprendizagem humana, objetivando o processo aprendizagem sendo além do ambiente escolar, mas em todos os âmbitos cognitivo, afetivo, social tem por responsabilidade realizar este trabalho de acordo com estratégias que levam em conta a individualidade do discente. Na sua incessante busca de conduzir a condições favoráveis com conhecimento possibilitando enfrenta suas dificuldades utilizando técnicas de intervenção para o sujeito elaborar seu processo de aprendizagem.

Segundo BOSSA (2000) o objeto de estudo da psicopedagogia é o próprio processo de aprendizagem e seu desenvolvimento normal e patológico em contexto. Sejam estes relacionados com a realidade interna ou com a realidade externa, sem deixar de lado os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que mesmo de forma implícita, estão inseridos em tal processo do trabalho com as questões de aprendizagem.

BOSSA (2000) “O reconhecimento do caráter interdisciplinar significa admitir a sua especificidade, uma vez que a psicopedagogia, na busca de conhecimento de outros campos, cria seu próprio objeto, condição essencial da interdisciplinaridade”.

A psicopedagogia está dividida em duas áreas Institucionais e Clínica. A psicopedagogia clínica tem como missão, retirar as pessoas da sua condição inadequada de aprendizagem, dotando-se de sentimentos de auto-estima, fazendo as perceber suas potencialidades, recuperando desta forma, seus processos internos de apreensão de uma realidade, nos aspectos: cognitivo, afetivo – emocional e de conteúdo dos acadêmicos.

Mediante BOSSA (2000) O diagnóstico psicopedagógico é um processo que possibilita o psicopedagogo buscar dados importantes levando a hipóteses



temporárias que no decorrer das sessões serão afirmadas ou não, através de estudos criteriosos com embasamento teóricos de estudiosos na área que tem como intuito favorecer para adequação do sujeito ao ano escolar que cursa.

Durante o estágio, que foi realizado no período de junho a setembro, foi realizado nas seções de diagnóstico, quando foi atendida A. de 8 anos sexo feminino, cursando 3º ano do ensino fundamental de 9 anos que apresentava a queixa familiar, feita pela sua tia materna de dificuldade na leitura e escrita sendo que já reprovou no segundo ano, a queixa escolar Dificuldade na leitura feita pela gestora.

## **2. Diagnóstico Psicopedagógico Clínico**

### **2.1 - Instrumentos Utilizados**

#### **2.1.1 – Anamnese**

Segundo WEISS (2008, p. 63). A entrevista de anamnese é um momento de conhecer, colher dados de suma importância e como um dos pontos cruciais para se obter um bom diagnóstico. Mediante a ela nos possibilita um conhecimento do paciente a integração das dimensões de passado, presente e futuro.

#### **2.1.2 - Entrevista com o Cliente**

Conforme WEISS (2008, p. 57). Através da entrevista com o cliente é necessário em todo momento, a intenção de permitir ao sujeito conduzir-la com atitude espontânea, porém direcionar de maneira experimental. Interessam observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesa, ansiedades, área expressão de procedimento, níveis de operatividade, qualidade horizontal e vertical que proporcione uma análise dos dados coletados pelo sujeito com intenção de adquirir fatos que permite entender suas dificuldades.

### **2.1.3 - Provas do Diagnóstico Operatórias**

Mediante (MAC DONELL, 1997, p.4) as provas de Diagnóstico Operatório, podemos chegar a determinar o grau de aquisição de algumas noções predominante do desenvolvimento cognitivo. O nível de construção obtido pelo paciente em cada uma das noções e sua mútua inter – relação faz referência ao grau de estrutura operatória que predomina em cada fase do desenvolvimento.

A prova de Diagnóstico Operatório nos é possível compreender o nível de pensamento alcançado pela criança.

Existe uma tendência bastante generalizada a equiparar cada momento do pensamento a uma idade cronológica determinada, a qual como sabe, não é totalmente exato e pode levar – nos a interpretações errôneas. “As idades de aquisição das estruturas de pensamento (e válido para as noções em particular) e mesmo os intervalos (momentos de transição) se relacionam sempre com as condições sócio – culturais e, mais especificamente, como as escolares.

### **2.1.4 - Provas Projetivas Psicopedagogicas**

De acordo (PAIN 1985, p. 61e 62). As provas projetivas tratam de revelar quais são as partes do sujeito depositadas nos objeto que aparece como suportes de revelar que mecanismos atuam diante de uma explicação que empenha o sujeito a representar-se situações estereotipadas e levar emotivamente, conhecer seus sentimentos medos ansiedade e agressividade, as provas possibilita entende e avaliar a capacidade do pensamento para organizar através dos desenhos ou relatos de seus sentimentos.

#### **2.1.4.1 - Eu e os meus companheiros**

Esta prova segundo visca (1995, p.19) tem como objetivo “Estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe”.

#### **2.1.4.2 - Família Educativa**

O objetivo desta prova, segundo Visca (1995, p.67) “Estudar o vínculo de aprendizagem com o do grupo familiar”.

#### **2.1.4.3 - Par Educativo**

Nesta prova, o psicopedagogo busca segundo Visca (1995, p.67) “Investigar os vínculos da aprendizagem.”

#### **2.1.5 - Provas Pedagógicas**

Conforme (WEISS, 2008, p. 94). aplicação das provas pedagógicas permite investigação necessária para compreender a queixa apresentada, que devem ser realizadas com uso de material graduado (texto de leitura, diversidade de situações problemas e outros), com dificuldade crescente que possibilitara o paciente dentro de diferentes estágios de uma escala de produtos, propondo atividades reproduzidas no cotidiano escolar, resultando da própria” queixa” com intuito de perceber o nível pedagógico se este se encontra de acordo com ano escolar que o sujeito cursa.

#### **2.1.6 - Entrevista com a Professora**

Mediante (WEISS, 2008, p.94) A entrevista com a professora possibilita uma análise com objetivo de conhecer os valores e normas da Instituição Escolar em situações pedagógicas e disciplinares, tipo de exigência, tipo de clientela e corpo docente, auxilia a contextualizar a queixa escolar e familiar, proporcionando identificar o problema, se e de questão escolar ou se pessoal e familiar, que transmitem dados eficazes para análise diagnóstico do sujeito.

#### **2.1.7 - Observações do Material Escolar**

Segundo WEISS (2008, p.94) A importância da observação do material escolar do paciente permite verificar a metodologia aplicada em classe, à qualidade didática que lhe é oferecida. Por exemplo, no que se refere ao erro, observa-se o tipo de erro ou acerto do sujeito que forma esse é analisado pelo docente, se corrigido com intuito de construção da aprendizagem. Observa-se também a organização e estruturação das atividades, o zelo ou não com os seus diversos materiais escolares.

### **2.1.8 – Hora do Jogo**

Conforme (FERNANDEZ, 1991, p. 171) À hora do jogo é um instrumento que tem como objetivo possibilitar o desenvolvimento e posterior observa-se das significações do aprender para a criança. Compreender alguns dos processos que permitem ter levado à instalação de alguma problemática no aprender. Examinar a inter-relação inteligência desejo corporeidade.

Analisar os processos de assimilação – acomodação e seus possíveis equilíbrios, desequilíbrios e compensações. Verificar a modalidade de aprendizagem do indivíduo. Observar a capacidade da criança para argumentar, para construir uma história em que medida a cognição põe-se a serviço de organizar seu mundo simbólico verificar como o paciente pode lidar com a fantasia e realidade.

### **2.1.9 - Atividades Lúdicas**

Mediante (PAIN, 1985, p. 50 e 51) Através da atividade lúdica entende – se por três aspectos da função semiótica que, a partir do ponto de vista evolutivo inicia – se aos 2 anos, uma vez adquirido o mundo prático; são eles o jogo, a imitação e a linguagem o exercício de todas as funções semióticas que supõe a atividade lúdica proporcionando um conhecimento eficaz levando aprendizagem adequada de forma em que é por meio desta que se processam os paradigmas do conhecimento conceitual, ao permiti pela fantasia o tratamento propicio de cada objeto nas suas

diversas circunstâncias possível, o lúdico demonstra informações de grande valia para análise, sendo assim de suma importância para o diagnóstico do sujeito.

## **2.10 – Jogos de Regras**

De acordo com Piaget (1975) Jogos de regras são jogos de combinações sensórios motores ou intelectuais em que há competição dos indivíduos e regulamentados quer por um código transmitido de gerações por gerações, quer por acordo momentâneo que leva o indivíduo a vivenciar vitórias e percas que contribuirão com o desenvolvimento.

## **2.2 - Análises dos Instrumentos Utilizados**

### **2.2.1 – Anamnese**

A paciente foi encaminhada pela direção da escola o primeiro contato foi através da direção da escola que solicitou a presença da responsável pela atendente, marcando o primeiro contato entre a família e estagiária.

Segundo Weiss (2008) é fundamental colher dados sobre o paciente: seu nome, idade, escolaridade, instituição escolar que frequenta.

A entrevista da anamnese foi realizada com a tia materna V., pois os pais da criança são separados e a criança não convive com eles, mediante a essa situação teve-se dificuldade em se obter algumas informações.

A tia relata que seu problema na leitura e desde o início dos estudos, nunca procurou outros especialista. Nos antecedentes de gestação afirmam que a mãe teve saúde tranqüila e boa condições emocionais sem que houvesse episódio marcante.

A criança nasceu de 9 meses não sabendo relatar com quantos quilos e comprimento, de acordo com a tia A. Chorou logo. A garota foi amamentada até 1

ano de vida, não é forçada a se alimentar, mas não gosta de verdura, come derrubando a comida, não recebe ajuda para se alimentar.

Tem um sono tranquilo, dorme com irmão, andou com apoio, engatinhou o ficou de pé.

O sujeito teve controle dos esfíncteres, vesti sozinha. Prática esporte só na escola é uma criança destra, precisa de ajuda para fazer as tarefas de casa, apresenta lentidão em atividades tanto escolar como extra – escolar.

A apresentar esse tipo de sintoma. Quando por exemplo, uma situação traumática separação dos pais, fracasso escolar, etc. São de tal natureza ou intensidade que ultrapassa a capacidade de adaptativa, a energia psíquica poderá romper-se, deixando- a sem recursos para aprendizagem.

De acordo com (SCOZ, 2009) inúmeros os fatores que podem levar uma criança Sobre os aspectos ambientais. Segundo a tia V. a garota prefere brincar com amigos menores, tem facilidade de fazer amizade. Em relação adaptação ao meio, sentiu falta da mãe quando veio morar com a tia apresentou um pouco de dificuldade.

Mediante a entrevista percebe-se a ausência, participação na vida da criança de seus pais.

Segundo Scoz, (2009) Não há dúvida de que a influência da instituição familiar e decisiva na aprendizagem dos educandos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, que os impossibilita de obter recursos internos para lidar com situações adversas. Isso gera desconfiança, insegurança improdutividade e desinteresse, causando problematização no desenvolvimento á aprendizagem escolar.

### **2.2.2 – Entrevista com o Cliente**

Na primeira entrevista com a cliente me apresentei dizendo meu nome percebeu que a mesma tinha muita curiosidade, porém tranquila logo de imediato se

mostrou uma criança sociável sem nenhum constrangimento com minha presença uma ótima aceitação

A criança relatou não saber quem é seu pai, através deste relato percebe – se não ter um vínculo positivo paterno, demonstrando não querer falar sobre ele.

De acordo com Spitz (1978), através da literatura psicanalítica com especial, a falta de afeto implica na formação da criança. Também tem – se conhecimento que a rejeição paterna e familiar é transmitida a criança, pela mãe, antes e depois do nascimento causando conseqüências.

A garota parece ter o desejo em ser promovida para o próximo ano escolar, disse que veio ao atendimento para passar de ano. A criança relata que tem medo de fazer prova, porque não saber ler.

Segundo Chamat (1997) O temor as avaliações estaria ligado ao medo de ser avaliado, á descrença em seus próprios conteúdos.

Outro fato que chama atenção a ausência materna da qual a garota diz sentir saudade, tendo a privação desse vínculo materno.

De acordo com Bowlby (1988) “Refere-se á privação materna total como elemento mutilador da capacidade do sujeito de estabelecer relações com outras pessoas, com esta explanação aponta que um bloqueio na afetividade impede um vínculo saudável ou efetivo entre o ser que ensina o ser que aprende, seja na família ou escola”.

### **2.2.3 – Provas do Diagnóstico Operatório**

Baseado nos estudos de (MAC DONELL, 1997, p.18) análise de nível 2 – mais avançado neste nível chega a um inicio de reagrupamento das sub - coleções em classes gerais; ex: agrupam as fichas vermelhas e por outro lado azuis, mas não são ainda capazes de formular uma antecipação ou previsão de critérios. Muitas vezes, precisam que o terapeuta inicie a classificação, para poder continua – La. Uma conduta possível é que a paciente opte na considerada uma classe, pois esta

surge, como se sabe, de uma operação lógica que como tal, organiza todo o universo disponível neste caso todas as fichas determinando uma hierarquia inclusiva.

### **2.2.3.1- Prova de Intersecção de Classe**

De acordo com (MAC DONELL, 1997, p. 20) Avaliação de nível 2 – intuitivo articulado através deste nível percebe-se êxitos nas perguntas suplementares (a criança se dá conta de que dentro de um círculo estão todas as fichas redondas e dentro do outro círculo estão todas as fichas azuis) diante às perguntas 4 e 5, ou seja, de inclusão e de intersecção, a criança tem dúvida e pode responder corretamente ou não a alguma das 2 perguntas.

### **2.2.3.2- Prova de Classificação: Inclusão de Classe**

Baseado nos estudos (MAC DONELL, 1997, p.4) a criança se encontra em resposta de nível 3 – solução da inclusão quantitativa, com faixa etária de 7/8 anos. (Todas as perguntas recebem respostas certas, mesmo que, às vezes se percebem dúvidas e estranheza no primeiro enunciado da pergunta.

### **2.2.3.3 - Provas de Conservação**

#### **Prova de Conservação de Pequenos conjuntos Discretos de Elementos**

Resposta de nível 3 – correspondência operatória com equivalência necessária: faz a correspondência e mantém a conservação. A criança, ao alcançar esta etapa, já pode considerar ao mesmo tempo as relações de longitude (espaço ocupado e densidade, espaço entre fichas), conseguindo



não somente uma correspondência precisa, como também e nisto reside o progresso desta etapa em relação á precedentes.

Mantendo e nisto reside o progresso desta etapa em relação á precedente mantendo uma equivalência durável igual número de fichas mesmo no caso em que as fileiras diferem simultaneamente em longitude e densidade trocas configuracionais nas duas situações da prova, a criança consegue, portanto, juízos estáveis de conservação Mac Donell (1997 p.25).

#### **2.2.3.4 - Prova de Conservação das Quantidades de Líquido**

De acordo com (MAC DONELL, 1997, p.29) resposta de nível 1 – não conservação: corresponde á etapa intuitiva global. Em cada um dos transvasamentos, o sujeito a julga que uma das quantidades é maior, ex: este tem mais porque está mais alto. Diante ás contra argumentações, o experimentador é quem chama a atenção da criança sobre a dimensão não observada (por exemplo, da criança sobre a dimensão não observada, por exemplo, a altura do copo (b); a criança mantém seu juízo ou considera que a outra quantidade é maior. Quando recordada a igualdade de quantidade inicial, não modifica de forma alguma o seu juízo. Neste nível, o problema de “retorno empírico”, a inversibilidade, pode ou não ser resolvida corretamente.

#### **2.2.3.5 - Prova de Conservação da Quantidade de Matéria**

Segundo (MAC DONELL, 1997 p.30) resposta de nível três conservação de quantidade de matéria: procedimento próprio de um pensamento operatório concreto em cada modificação julga – se que as quantidades são iguais. O argumento de reversibilidade: “há sempre o mesmo para comer porque, se voltar a fazer a bola, será o mesmo.

#### **2.2.3.6- Prova de Conservação de Peso**

Com base em (MAC DONELL ,1997, p. 31) nas respostas de nível 2 percebe o comportamento intermediárias próprias do pensamento operatório concreto em seu primeiro momento. Aparecem juízos que hesitam entre a conservação e a não conservação para a mesma transformação julga alternadamente que os pesos são iguais e diferentes.

### **2.2.3.7- Prova de Seriação**

Resposta de nível 1 – fracasso na seriação. Pensamento intuitivo global: neste nível podemos observar distintos tipos de condutas:

Constrói uma escala, mas levando em conta somente a parte superior de cada palito. Ao não considerar a parte inferior (a longitude total de cada elemento), a escala assim construída só é regular enquanto figura de conjunto: construída pelos extremos superiores. Tal construção, não apoiada em uma linha horizontal de base, não apresenta uma sucessão de palitos de acordo com a ordem real de tamanho. Mac Donell (1997, p.41).

## **2.2.4- Provas Projetivas Psicopedagogicas**

### **2.2.4.1 - Eu e os Meus Companheiros**

A partir dos indicadores, selecionados por (VISCA ,1995), pode-se verificar que o entrevistado se apresenta em primeiro plano demonstrando – se integração adequada com os colegas de sala.

O tamanho total do desenho e médio representa – se uma relação equilibrada entre seus companheiros.

O personagem se apresenta numa posição de lado a lado compreendendo – se um vínculo regular, sendo que o objeto de aprendizagem excluído.

A professora foi desenhada e feita uma separação entre ela e seus companheiro demonstrando – se falta de integração vínculo negativo.

### **2.2.4.2 - Família Educativa**

Mediante aos indicadores de (VISCA, 1995) percebe-se que Na situação de A. não convive com seus pais, portanto ela não os desenhou, porém colocaram em seu desenho os dois irmãos mais novos que vivem com sua mãe em outro estado.

O tamanho em si do desenho é médio é um vínculo relativamente importante. Foi realizado com os personagens lado a lado isso significa um vínculo regular de aprendizagem.

No desenho cada integrante faz o que sabe fazer S. é A. vê televisão, T. brincando com seu boneco, tia V. assistir televisão e lavar as vasilhas, tia N. costurando roupas.

A garota colocou idades que realmente lhes outorga. Porém afirma que ninguém ensina nada pra ela já sabe aprendeu sozinha.

Percebe-se que está família oferece um menor vínculo em termos de aprendizagem, não permite que os jovens possam adquirir conhecimento através de seus estímulos com o meio ambiente.

### **2.2.4.3 - Par Educativo**

Segundo os indicadores, selecionados por (VISCA, 1995) o tamanho total do desenho é razoavelmente dimensionado, por isso levam-se a pensar uma relação equilibrada onde o “negativo” e “positivo estão integrado adequadamente.

O desenho realizado em posicionamento lado a lado do aprendente com ensinante demonstra-se vínculo regular de aprendizagem.

O tamanho do personagem são ensinante grande é aprendente pequeno no qual se supervaloriza a quem ensina.

Deve – se notar que no desenho não existe o objeto de aprendizagem.

O local do desenho e retratado num âmbito extra – escolar entende – se que o entrevistado estabelece melhor vínculo com a aprendizagem assistemática.

### **2.2.4.5 - Provas Pedagógicas**

Mediante as provas pedagógicas aplicadas com a cliente. Entende-se que A. possui uma leitura mecânica, não relaciona os fatos, a falta de interpretação na leitura pode-ser o motivo que se provoca em outras disciplinas provocando o sistema de dificuldade em outras matérias.

Conforme Weiss (2008) A falta de significado na leitura reflete-se nas outras disciplinas. Essa dificuldade pode-se provocar o medo na criança principalmente em realizações das atividades avaliativas, senti-se insegura confirmando sempre que não sabe ler, que prova é muito difícil, a dificuldade faz com que o sujeito entre em pânico nos dias de prova. Constrói um vinculo inadequado.

#### **2.2.4.5.1 – Língua Portuguesa**

##### **Ditado**

De acordo com as análises de Ferreiro e Teberosky (2005) a criança apresenta nível 4 – silábico. Não se identifica exatamente como um nível, mas como uma transição entre o silábico e o alfabético; a hipótese silábica entra em contradição com o valor sonoro atribuído as letras.

A escrita tem uma velocidade lenta, a pressão do lápis no papel muito forte, com tónus muscular aumentado, troca de letras ou sílabas, inversão de letras não percebi acréscimo de letras repetição de palavras ou sílabas ou confusão de letras de formas parecidas.

##### **Leitura Silenciosa**

Observando a garota percebe-se, falta de confiança em si parando olhando e dizendo que lê é muito difícil.

Segundo Ferreira e Palácio (1987) Se os leitores têm compreensão e confiança em si próprios, desafiam os grandes riscos e incrementam sua eficiência. Quando se encontra num texto de difícil interpretação, procedem com mais cautela, porém com menos eficiência.

## **Leitura em Voz Alta**

Através da prova pedagógica de leitura entende-se que A. sente uma falta de confiança em si própria argumentando sempre que não sabe ler, através de insistência A. inicio a leitura percebe-se que ela conhece todas as letras, raramente apresenta duvida, porém ler com dificuldade muito lentidão.

Segundo Ferreiro (2008) a “criança passa a fazer uma leitura termo a termo; (não global) consegue combinar vogais e consoantes numa palavra, numa tentativa de combinar sons, sons tornar, ainda sua escrita socializável”.

A leitura é uma destreza assim como joga xadrez, futebol e outros na medida em que há mais integração a mais sucesso na aprendizagem de leitura. Percebe-se que A. encontra-se na destreza inicial.

Segundo Ferreira e Palácio (1987) A destreza em que a criança apresenta é fase cognitiva, ocorre quando o aluno há de determinar, numa situação pouco familiar, o que deve fazer.

De acordo com Ferreira (1987) “a leitura é uma destreza. O elemento – chave de uma destreza e o processo de integração de todo o conjunto de condutas que constituem a habilidade total. A integração se aprende mediante a prática”.

Através da sessão com o sujeito percebe-se a falta de confiança em si mesmo, afirmando que não sabe ler é preciso insistência para A. iniciar o ato de ler.

## **Redação**

A produção da criança está com nível inferior sua faixa etária e escolaridade, em sua redação observa – se erros ortográficos, falta de pontuação, uso inadequado de letras maiúsculas, na produção á omissões de letras, trocas.

Scoz (2009) É preciso analisar que as dificuldades para escrever tornam-se mais seria quando se trata de discentes repetentes, possuidores de uma história de fracasso escolar e que certamente desenvolve vínculo inadequados com a escrita.

De acordo com Ferreiro (2005) O sujeito apresenta nível 4- silábico-Alfabético, convivem as formas de fazer corresponder os sons ás formas silábica e alfabética e a criança pode escolher as letras ou de forma ortográfica ou fonética. Por se tratar de um nível intermediário.

## **Copia**

A criança não tem uma escrita convencionalmente, ela faz o desenho das letras. Na escrita ela apresenta traços, a garota faz-se uma imitação da escrita.

Segundo (Ferreiro, 1987) mediante a copia e a escrita há pelo menos tanta distancia como entre a decifração oral e a leitura na cópia entendemos da mão que toma o lápis para escrever, é necessário assimilar para compreender proporcionando seu próprio pensamento e ampliando com dos outros.

Com base nos estudos de Ferreiro (2008) a garota apresenta nível 4- silábico-Alfabético, neste estágio de desenvolvimento da escrita, coexistem as formas de fazer corresponder os sons ás formas silábica e alfabética que induz a uma escolha de letras de forma ortográfica ou fonética

## **Interpretação de Texto**

Através das atividades pedagógicas pode-se entender que sua interpretação de texto está um nível a baixa de sua escolaridade, provocando um sintoma de dificuldade em compreender textos de acordo com sua escolaridade. Para que o individuo possa compreende o texto a necessidade de uma leitura fluente. Percebe-se que A. encontra em uma decodificação, não demonstrar compreensão aos textos de acordo com seu nível escolar.

Mediante os estudos Ferreira (1987) “a necessidade de conhecer algo de novo, se vai aprender mais a respeito da leitura”.

A criança tem dificuldade na compreensão do texto elabora uma interpretação com base em uma ou mais das primeiras orações do texto e as demais de acordo com inicial dando significados completamente diferentes do real.

Conforme (FERREIRA e PALÁCIO, 1987 p. 25) essas crianças não podem usar os dados para modificar os seus esquemas. Aparentemente apresentam uma forma de dependência excessiva no processo descendente de compreensão do texto. A metodologia por ela utilizada será denominada não acomodativa.

#### **2.2.4.5.2 – Matemática**

##### **Operação**

A criança não obedece a ás colunas da dezena, centena e milhar, porém obedece á direção espacial da direita para a esquerda quando vai realizar alguma operação matemática, ela não inverte os números em espelho

O nível do raciocínio não é compatível com a idade escolaridade da criança. Segundo Bossa e Oliveira, (2008) “Outro aspecto da questão ligado aos erros em matemática está no significado inconsciente de fatos e operações matemáticas. O que sentirá a criança quando necessita juntar separar, retirar, lidar com a falta, o “a mais”, o “a menos”, dividir com, aumentar para, multiplicar”.

O medo de não conseguir um sucesso escolar causa-se sintoma de maior dificuldade em todas as matérias A. já reprovou, mudou de cidade, escola, é de convívio familiar, isso acarretou perdas na sua vida.

Com base nas análises de Bossa e Oliveira (2008) todas as disciplinas pode haver projeções em relação a questões não elaboradas na dinâmica familiar e tematizadas negativamente, proporcionando um vínculo não adequado ao educando.

##### **Problemas**

A menina ao ler enunciado do problema verifica-se que se tem dificuldade em ler e entender o que lê.

Não possuiu o raciocínio lógico matemático necessário. Percebe-se que é uma criança acomodada que procura encontrar as atividades prontas em forma de apenas fazer a cópia fala sempre que em casa sua madrinha copia no papel para ela responder no seu caderno. Entende-se que ela apresenta-se na modalidade de aprendizagem normal.

### **2.2.5 - Entrevista com Professora**

Na entrevista com a professora, relatou que a criança ainda não lê; mas tem algumas notas, não é inquieta na escola. Seu comportamento diante de brigas e chorar não agridem, quando contrariada fica nervosa.

Então perguntei se precisa de ajuda para fazer alguma coisa, relatou que em quase tudo, principalmente para ler as atividades proposta. As informações dadas pela tia sendo possível entender-se que a criança tem o vínculo de dependência.

Segundo Chamat (1997) Podem relatar que sujeito que aprende de maneira facilitadora: pelos pais ou familiares, não aparece um vínculo saudável, mas uma dificuldade em lidar com o crescimento e, muitas vezes a dependência e provida pela culpa sentida quer seja por rejeição ou outras.

A garota apresenta dificuldade em organizar os cálculos e também na leitura e escrita em geral. Das dificuldades citadas percebi que o conflito maior da professora é questão da leitura da criança, a família não é participativa a menina tem dificuldades com as tarefas e não recebe auxílio fora da sala de aula.

Segundo Scoz (2009) escola tem condições de interferir nesse quadro, incentivando os pais para participarem do cotidiano escolar de seus filhos, propondo aos alunos aprendizagens relevantes e significativas que possibilitem um elo entre os conhecimentos já adquiridos a aquisição de novos, transformando-os em saberes.



A professora disse que precisaria de uma atenção maior a criança que não é possível devido o número de alunos, a mesma relata que a criança apresenta leitura oral com dificuldade é uma leitura vacilante, não sendo corrente e expressiva, sem compreensão do texto lido. Que outras características em que a criança se encaixa do ponto de vista emocional são: retraída, calma e desligada.

Outra dificuldade detectada pela professora é que a menina levanta muito. Comparando com as outras crianças está na média.

Com base nos estudos (PAIN, 1996) mediante esse princípio é acreditar que o desejo de saber é algo inerente à espécie humana. Para dizer que precisamos propor à criança aquilo que se perdeu, é preciso acreditar na possibilidade de resgatar algo que existe, mas que, por diversos motivos, não está presente no momento.

### **2.2.6 - Observações do Material Escolar**

Através da observação do material escolar percebe-se que o método de ensino é claro é tradicional. O sujeito não apresenta um nível de pensamento adequado ao ano escolar e faixa etária, não demonstra compreender o que é solicitado pela professora. A atividade predominante é cruzadinha, caçam palavras, suas atividades não são concluídas, mas percebe-se que lentamente houve progresso no desenvolvimento da escrita. No início sua escrita era bastante ilegível, sendo legível no momento.

No início a criança apresentou hipótese 2- nível silábico, neste período a escrita não é vista como uma reprodução rigorosa de um texto oral, e sim como a representação de alguns elementos essenciais do texto oral. Ferreiro e Teberosky (2005)

Na análise do seu material escolar é possível verificar que A. evoluiu um pouco mediante ao início do ano letivo. Atualmente se apresenta no nível 4- silábico-alfabético.

De acordo com Ferreiro Teberosky (2005) “É o momento em que o valor sonoro toma-se imperioso, e a criança começa a acrescentar letras principalmente na primeira sílaba à criança próxima da escrita alfabética”.

### **2.2.7 - Hora do Jogo**

A criança manipula os objetos, mostrou-se ter uma boa relação com objeto de conhecimento através do jogo até mesmo com pedagógicos.

Conforme Sara Paín Observamos que o jogar e o aprender apresentam momentos análogos.

“No Inventário: A criança trata de classificar de alguma maneira, o conteúdo da caixa através da manipulação superficial dos objetos, experimentando seu funcionamento”. Fernandes (1991, p.172).

Mediante a organização, a garota começa a desenvolver-se formular hipóteses. O sujeito relaciona com a capacidade de decisão, domínio, com aceitação. A. aceita a perda e o lucro.

Na concepção de (FERNANDEZ, 1991, p. 173) uma criança que estrutura um problema de aprendizagem- sintoma ou inibição cognitiva, não poderá alcançar este terceiro momento de jogo e encontrara dificuldades em diversidade de grau e tipo nos dois momentos anteriores. A criança não apresenta dificuldades na hora do jogo entende-se que a ela fracassa na aprendizagem por razões de ordem reativa.

Segundo Fernandes (1991) A criança que não obtém sucesso no aprender por motivo de ordem reativa ao sistema educacional, não tem por que apresentar dificuldades na organização dos momentos analogizáveis na hora do jogo. De acordo com os estudos realizados percebe-se que modalidade de aprendizagem que a criança se apresenta é modalidade de aprendizagem normal.

### **2.2.8 - Atividades Lúdicas**

Mediante as atividades lúdicas a criança desenvolveu as atividades, quando deparava com dificuldades pedia ajuda, retornava, desenvolvendo-as por completo.

De acordo com Fernandez (1991) problemas de ordem educativa, vinculados com uma instituição educativa que rechace ou desconheça a capacidade intelectual e lúdica, a corporeidade, a criatividade, a linguagem e a liberdade do aprendente.

Um fator que me chamou atenção durante uma conversa é que a garota relata gostar de brincar com sua prima M. de mãe e filha, sendo ela a mãe e a prima filha.

Segundo Fernandez (2001, p.130). O aporte Winnicottiano de espaço transicional possibilita redimensionar o brincar: Já não se olha o seu caráter utilitário ou apenas a sua função de elaboração da angústia (Freud) ou, ainda como atividade terapêutica na análise de crianças (Melanie Klein). O jogo proporciona uma função subjetivante. É possível que a criança ao brincar possa revelar o desejo algo que falta como a presença de sua mãe.

Conforme Paín (2009) o desejo usa as representações, e não só o afeto. O conhecimento também usa a representação. Os afetos não têm uma estrutura. Eles são exercidos como sinais que ajudam aos animais para sobrevivência, mas que, para nós, servem como brinquedos, jogos para estarmos vivos.

A criança foi capaz de realizar algo com sua própria criatividade manipulando a massa confeccionou uma flor, sem interferência do próximo, experimentando uma criação de liberdade.

Percebe-se que a criança realiza atividades lúdicas com curiosidade sempre ansiosa pela próxima sessão. Através dessa observação entende-se a necessidade de trabalhar o lúdico para seu desenvolvimento na aprendizagem.

Mediante os estudos de (FERNANDEZ, 1991p. 72) O progresso na estruturação da inteligência, embora não possa ser alcançado de acordo com ensino organizado, tem a ver diretamente com a experiência. Se a criança não vivencia diretamente realiza ações com os objetos, se não tem possibilidade de ver, tocar, mover-se, provar seu domínio sobre os mesmo vai depara com sérias dificuldades no processo de organização de sua inteligência.

## **2.2.9 - Jogos de Regras**

A criança ao jogar com as regras sentia-se feliz, quando ganhava ,porém demonstrava equilíbrio no momento em que se perdia o jogo, ela não demonstra ser uma criança egocêntrica. Porém não despertou grande interesse pela leitura de regras argumentando que não sabia ler.

Foi capaz de terminar o jogo sem procurar outro, porém em todas as sessões falava: com qual vamos brincar depois demonstrando que estava gostando. Percebi que ela sentia curiosidade em conhecer outros jogos.

Piaget (1999) “Observou a brincadeira como elemento crucial do desenvolvimento moral. Para a criança, pois por intermédio dela a mesma consegue internalizar as regras solicitadas pelo jogo”.

Percebe-se que a garota tinha uma interação com os jogos que possibilitava á ela o divertimento consequentemente o interesse de conhece regras de outros jogos que seria utilizado em próxima sessão.

Segundo Piaget (1975) através dos jogos de regras percebe algo mais que a simples diversão e interação, pois, eles demonstram uma lógica diferente da racional. Este tipo de jogo propõe uma lógica própria da subjetividade tão necessária para as estruturas cognitivas

## **3 - Hipóteses Diagnósticas**

Mediante aos estudos sobre a criança entende-se que ela apresenta problema de aprendizagem reativo.

A dificuldade apresentada pode-se devido à falta do material lúdico na aprendizagem, portanto a necessidade de se repensar na metodologia aplicada em sala de aula para o desenvolvimento do aprendente.

Segundo Fernandez (1991) O fracasso na instituição escolar na maioria é um problema reativo a um sistema que não a aceita, que não reconhece seu saber e os obriga a acumular conhecimentos com uma aprendizagem bancária sem propor a

construção do indivíduo, sendo que o mesmo apresenta uma modalidade de aprendizagem saudável.

## **4 Sugestões e Encaminhamentos**

- Psicopedagogo
- Apóia pedagógico

### **4.1 - Sugestões para a Família**

- Participar na vida escolar da criança.
- Orientar nas atividades extras- escolares
- Proporcionar contato com materiais de leitura
- Incentivar o gosto pelo ato de ler.

### **4.2 - Sugestões para a Escola**

- Mobilizar a família a participarem da vida escolar da criança.
- Promover experiências de trabalhos nas reuniões motivando a presença dos pais, ou seja, responsáveis pela criança.
- Proporcionar um trabalho com matérias concretos, lúdico despertando o interesse da criança.
- Promover atividades lúdicas para a aluna
- Fazer um acompanhamento mais próximo da criança

## **5. Conclusões**

Através do trabalho realizado é possível entender a importância da psicopedagogia como sendo a área que estuda as dificuldades do educando mediante os embasamentos teóricos, e investigações desde a gestação do aprendiz com intuito de compreender suas dificuldades proporcionando condições

de tratamento para que haja uma aprendizagem eficaz, ou mesmo num trabalho preventivo.

Esse estudo de caso demonstrou a necessidade do psicopedagogo em intervir com caráter preventivo a criança pela qual foram realizadas as pesquisas que demonstrou um problema de aprendizagem reativo, que se não tomado providência poderá futuramente apresenta sintoma, portanto é preciso que o profissional da psicopedagogia trabalhe juntamente com a professora e equipe pedagógica, auxiliando-os a incorporar os novos conhecimentos e os procedimentos pedagógicos necessário para o desenvolvimento da criança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, NADIA APARECIDA, OLIVEIRA, VERA BARROS. **Avaliação Psicopedagógica da Criança de Sete a Onze anos**. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOSSA, NADIA A. **A psicopedagogia no Brasil: Contribuição a partir da prática**, Ed.2 Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHAMAT, LEILA SARA JOSÉ. **Relações Vinculares e aprendizagem: Um Enfoque** Psicopedagógico. 1º Ed. São Paulo: Vetor, 1997

FERREIRO, EMÍLIA, GOMEZ PALACIO, MARGARITA. **Os Processos de leitura escrita: Novas Perspectivas**. 3º Ed. Porto alegre: Artes Médicas, 1987.

FERREIRO, EMÍLIA, TEBEROSKY, **A Psicogênese da Língua Escrita**. Ed.188. São Paulo: Editora Abril, 2005.

FERNANDEZ, ALICIA. **A Inteligência Aprisionada**. Ed.1. Porto Alegre: Editora Artes, 1991.

FERNANDEZ, ALICIA. **O Jogo em Saber**. Porto Alegre: Artmed, 2001

MAC DONELL, JOSÉ CONTE. **Manual Provas de diagnóstico Operatório**. Ed: C.E.M. Buenos Aires, 1979

PAIN, SARA. **Diagnostico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. – Porto Alegre: Artmed, 1985.

PIAGET, JEAN. **A Formação do Símbolo na Criança**. Rio de Janeiro. Zanhar, 1975.

PIAGET, JEAN. **Seis Estudos de Psicologia**. 24 ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária.

SCOZ, BEATRIZ. **Psicopedagogia e Realidade Escolar: O Problema Escolar e de Aprendizagem**. Ed. 16. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

VIRTUAL **Revista Partes-trajetoria da Psicopedagogia no Brasil.** Nº 18 e19, 2009.

VISCA, JORGE. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas** Buenos. Ag. Serv. G, 1995.

WEISS, MARIA LÚCIA LEMME. **Psicopedagogia Clínica Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 13 Ed, Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.



**Anexos**

**Anamnese**

Queixa ou motivo da consulta

Dificuldade na leitura

P. Desde quando há o problema?

T. Desde inicio dos estudos

P. A mãe fez alguma transfusão durante a gravidez?

T. não

P. Teve doenças durante a gestação:

T. não

P. Como foram as condições de saúde da mãe durante a gravidez:

T. Foi uma gravidez tranqüila.

P. Como foram as condições de nascimento?

T. Nasceu de 9 meses, chorou logo

P. A criança foi amamentada?

T. sim

P. Como é sua alimentação?

T. Não gosta de verdura derruba a comida, mas come sozinha.

P. Em relação ao sono é tranqüilo ou agitado?

T. Bem tranqüilo

P. Quando a criança começou a andar?

T. com 1 ano

P. É lenta para realizar alguma tarefa?

T. Sim, em tarefas escolares é também em casa.

P. A criança gosta de ir á escola? É bem aceita pelos amigos ou é isolada?

P. Ela gosta de ir para escola é bem aceita.

Já repetiu a série alguma vez? Por quê?

T. sim reprovou por não saber ler.

P. Ela vai bem em matemática?

T. Não

P. O que os professores acham dela?

T. Falam de sua dificuldade para ler

P. Quando usou as primeiras palavras com significado? T. Com 1 ano

## **Entrevista com Cliente**

P: Qual o nome da Escola em que estuda?

A: Escola Municipal I. L. de S.

P: Como se chama sua professora

A: C.

P: Em que dia você faz aniversário?

A: No dia da festa da igreja.

P: Como se chama seu pai?

A: Não sei.

P: Qual o nome da sua mãe?

A: L.

P: Seus irmãos como se chamam. Quantos anos eles tem em que ano estudam?

A: Tem D. de 10 anos ta no 4º ano o L. tem 5 anos ta no 1º ano e a S. tem 1 ano não estuda.

P: Você sabe por que veio ao atendimento?

A: Para passar de ano.

P: Em casa o que mais gosta de fazer?

A: Brincar com a M. E.

P: O que mais gosta, e o que menos gosta de fazer?

A: Gosto de passear e não gosto de lavar vasilha.

P: Que horário faz tarefas? Quem ajuda? Como ajuda?

A: Faço as tarefas meio dia, quem ajuda e a madrinha ela escreve no papel eu passo para o caderno.

P: O que a família gosta de fazer pai, mãe e irmãos?

A: Não moro com minha mãe e meu pai, moro com a tia V. tia N. é primo T. e meu irmão D. gosto de brincar.

P: Faz passeios em família? Onde costuma ir? Como são os finais de semana em família?

A: Só passeio quando vai fazer compra, mas só vai uma criança de cada vez.

P: E na Escola Quem são seus amigos?

A: Paula, Duda, Bianca e Amanda

P: O que mais gosta de fazer na escola?

A: Gosto de estudar e também de educação física

P: O que menos gosta de fazer quando esta na escola?

A: de correr

P: O que e fácil de fazer? Por quê?

A: brincar porque é só brincar

P: O que é difícil?

A: Fazer prova, porque não sei ler.

P: Quais são suas brincadeiras preferidas na escola e em casa?

A: Na escola e aposta corrida na aula de educação física e puxa o rabo do macaco, em casa brinco de mãe e filha.

P: Gosta de ler? O que? Gosta de ouvir histórias? T.V? (Que programas?)

A: Gosto de ler, mas não sei gosto de ouvir historinhas meu programa preferido e desenho Brum das fadinhas.

P: Gosta de música? Qual esporte preferido?

A: Gosto de música o esporte preferido andar de bicicleta minha tia disse que me vai da uma de presente.

P: Tem medo de algo?

A: Sim de cobra e rato.

P: A quem você pede ajuda quando precisa?

A: A ninguém

## **Provas Operatórias**

Prova de classificação Mudança de critério (dicotomia)

P. Depois de colocado as fichas em desordem sobre a mesa pediram que a criança as descrevesse.

P. O que você está vendo?

A. Um monte de fichas quadradas e redondas.

P. Reúnam em grupo todas estas fichas para que possa formar grupos de iguais.

A criança reuniu em 6 grupos.

P. como você pensou para organizar desse jeito?

A. Coloquei os 5 círculos azuis pequenos juntos e os 5 azuis grandes depois 5 círculos pequenos vermelhos e 5 grandes vermelhos. Com os quadrados coloquei 5 pequenos e grandes azuis juntos e 5 pequenos grandes vermelhos.

P. agora faça dois grupos usando todas as fichas: A. formou dois grupos, porém colocou vermelhos com azuis com quadrados não conseguiu uma organização.

P. Questionei como você pensou para organizar deste jeito?

A. Alguns são vermelhos e azuis iguais ao quadrado e igual ao azul.

P. Como poderia chamar este grupo?

A. Vermelho e azul.

P. Agora faça dois montes de outro jeito;

A. fez dois montes o primeiro com quadrados e o outro com círculos.

Então perguntei – lhe como você pensou para organizar deste jeito?

A. Porque esse é quadrado e esse é redondo

P. Como poderia chamar este grupo?

Quadrado

P.E este outro grupo como poderia chamar?

A. grupo bola.

Prova de intersecção de classe

Foi solicitado para que o aprendente reconhecesse o material e nomeasse:

P. Que material nos tem aqui?

A. Esferas e os quadrados.

P. Você acha que estas fichas vermelhas e azuis redondas são chamadas de esfera, ela pensou e respondeu:

A. São círculos

P. Por que você acha que colocamos estas fichas aqui no meio?

A. Não sei.

P. Existem mais fichas quadradas ou fichas redondas, ou um número igual de fichas?

A. Mais redondas.

P. Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas quadradas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre – me:

A. Tem o mesmo tanto de fichas azuis do que as redondas. Sei contando. Tem 10 fichas redondas e 10 fichas azuis.

Provas de classificação:

P. depois de colocado a ficha em desordem sobre a mesa pediu que a criança as descrevesse. O que você está vendo?

A. Um monte de fichas quadradas e redondas.

P. Reúnam em grupos todas estas fichas para que possa formar grupos de iguais. A criança reuniu em 6 grupos, 5 círculos pequenos azuis, 5 grandes vermelhos. Com os quadrados colocaram 5 pequenos, 5 grandes vermelhos. Com os quadrados colocou 5 pequenos e 5 grandes azuis e outro grupo com 5 pequenos e 5 grandes vermelhos.

P. Como você pensou para organizar desse jeito?

A. Coloquei os 5 círculos azuis pequenos juntos e os 5 círculos azuis grandes, depois 5 círculos pequenos vermelhos, 5 grandes vermelhos. Com os quadrados coloquei 5 pequenos e grandes azuis juntos e 5 pequenos e grandes vermelhos.

P. Agora faça dois grupos usando todas as fichas:

P. A. formou dois grupos, porém colocou vermelhos com azuis e círculos com quadrados não conseguiu uma organização.

P. Questionei como você pensou para organizar deste jeito?

A. Alguns são vermelhos e azuis iguais as quadrado e porque os círculos azuis e os quadrados vermelhos e iguais ao azul.

P. Como poderia chamar este grupo?

A. Vermelho e azul.

P. E outro grupo como poderia chamar?

A. Vermelho e azul.

P. Agora faça dois montes de outro jeito. A. fez dois montes o primeiro com quadrados e o outro com círculos.

P. Como você pensou para organizar deste jeito?

A. Porque esse é quadrado e esse é de redondo.

P. Como poderia chamar este grupo?

A. quadrado

P. E, este outro grupo como poderia chamar?

A. grupo bola.

Prova de classificação: Inclusão de classe

P. Solicitei que reconhecesse as flores e as nomeasse A. reconheceu só as rosas. Então lhe falei que as outras eram margaridas e perguntei lhe rosas são flores?

A. sim

P. você conhece outras flores? Quais? A: Conheço outras flores, mas não sei o nome delas.

P. Neste ramo há mais margaridas ou mais flores? Como você sabe?

A. Há mais margaridas porque as rosas são 3 as margaridas são muitas.

P. Então vamos imaginar que existem duas crianças que querem fazer ramos. Uma faz um ramo com margaridas e a outra faz um ramo com as flores. Qual ramo tem mais flores?



A. O ramo da criança que está com as margaridas tem mais flores.

P. Se eu te de as margaridas, o que sobra no meu ramo?

A. Vai sobrar só o galho com as folhas.

P. Se eu te de as flores, o que sobra no meu ramo?

A. O galho

P. Eu vou fazer um ramo com todas as margaridas e você vai fazer um ramo com todas as flores. Quem terá o ramo maior? Como você sabe?

A. Eu tenho o maior ramo

Correspondência em fileira a prova foi realizada em duas etapas na primeira etapa, pedi que a garota escolhesse uma cor.

P. O que você está vendo?

A. Um monte de círculos.

Então coloquei uma coleção de fichas e disse para que ela colocasse uma quantidade equivalente com as fichas que sobrou em fileiras, propôs ao aprendente para fazer o mesmo na equivalência um a um. Perguntei, há o mesmo tanto de fichas em cada fileira. Como você sabe?

A. Tem o mesmo tanto coloquei igual uma embaixo da outra.

P. Espacei mais as fichas e disse: E agora aonde há mais fichas? Como você sabe?

A. O mesmo tanto tem 7 brancas e 7 azuis.

P. Mas, olha esta linha é mais comprida. Não parece que a maior tem mais que esta outra?

A. Tem o mesmo tanto as duas têm 7 fichas.

P. Outro menino me disse que havia a mesma quantidade de fichas brancas e azuis. O que você acha disso?

A. Ele estava certo.

P. juntei as minhas fichas. E agora que quantidade de fichas há assegurando a equivalência. Justifique sua resposta:

A. Tem sete. Sei por que contei

P. Em seguida escondi as minhas fichas do aprendente e pedi conte as fichas sobre a mesa, depois lhe perguntei: Poderia me dizer quantas fichas têm aqui em minha mão? Como você sabe?

A. Na sua mão tem 7. Eu contei antes de você pega.

Na segunda etapa na correspondência em círculo: Perguntei o que você está vendo?

A. Monte de círculo

P. Então pedi que o aprendente fizesse o mesmo na equivalência. E perguntei há o mesmo tanto? Como você sabe?

A. Tem o mesmo tanto, coloquei iguais as suas fichas.

P. Então espacei mais as fichas e perguntei: E agora aonde há mais? Como você sabe?

A. O mesmo tanto, porque tem 7 fichas brancas e 7 azuis.

P. Mas, olha como está aqui esta com mais espaços. Não parece que é maior que outra?

A. Não as duas têm 7 fichas.

Prova de conservação de Pequeno conjunto discreto de Elementos

Correspondência em fileira a prova foi realizada em duas etapas na primeira etapa, pedi que a garota escolhesse uma cor.

P. O que você está vendo?

A. Um monte de círculos.

Então coloquei uma coleção de fichas e disse para que ela colocasse uma quantidade equivalente com as fichas que sobrou em fileiras, propôs ao aprendente

para fazer o mesmo na equivalência um a um. Perguntei, há o mesmo tanto de fichas em cada fileira. Como você sabe?

A. Tem o mesmo tanto coloquei igual uma embaixo da outra.

P. Espacei mais as fichas e disse: E agora aonde há mais fichas? Como você sabe?

A. O mesmo tanto tem 7 brancas e 7 azuis.

P. Mas, olha esta linha é mais comprida. Não parece que a maior tem mais que esta outra?

A. Tem o mesmo tanto as duas têm 7 fichas.

P. Outro menino me disse que havia a mesma quantidade de fichas brancas e azuis. O que você acha disso?

A. Ele estava certo.

P. juntei as minhas fichas. E agora que quantidade de fichas há assegurando a equivalência. Justifique sua resposta:

A. Tem sete. Sei por que contei

P. Em seguida escondi as minhas fichas do aprendente e pedi conte as fichas sobre a mesa, depois lhe perguntei: Poderia me dizer quantas fichas têm aqui em minha mão? Como você sabe?

A. Na sua mão tem 7. Eu contei antes de você pega.

Na segunda etapa na correspondência em círculo: Perguntei o que você está vendo?

A. Monte de círculo

P. Então pedi que o aprendente fizesse o mesmo na equivalência. E perguntei há o mesmo tanto? Como você sabe?

A. Tem o mesmo tanto, coloquei iguais as suas fichas.

P. Então espacei mais as fichas e perguntei: E agora aonde há mais? Como você sabe?

A. O mesmo tanto, porque tem 7 fichas brancas e 7 azuis.

P. Mas, olha como está aqui esta com mais espaços. Não parece que é maior que outra?

Comprovando as diferentes dimensões dos copos. Pedi que colocasse uma quantidade de líquido igual no copo (E)

P. Este copo é muito mais fininho estreito que o outro, parece então, que há a mesma quantidade para beber não há mais neste copo que nesse outro? Como você sabe?

A. Esse tem mais porque é fininho e estreito mais é maior.

P. Não elevou correção de água proporcionalmente então pedi para que faça o certo: níveis iguais aqui (E), pois este é mais alto, não te parece então que terá mais em (A1)? Explique:

A. Coloquei mais água no fininho ele é mais alto cabe mais.

Prova de conservação da quantidade de matéria Prova de conservação da quantidade de matéria

Apresentei duas bolas de massa de modelar de cores diferente. Pedi para que ela fizesse duas bolas iguais, que transformasse uma bola em salsicha. E agora há o mesmo tanto de massa na bola e na salsicha? Alguma tem mais ou tem menos? Como você sabe?

A. do mesmo tanto, porque as duas bolas estavam do mesmo tanto só transformei essa em salsicha.

P. Mas a salsicha é comprida, não acha que por isso há mais massa na salsicha do que na bola. Como você sabe?

A. Não porque as duas bolas eram do mesmo tanto só fiz uma salsicha.

P. Outra criança me disse que na salsicha há mais massa que na bola. O que você acha disso?

A. Não tem o mesmo tanto.

P. Você se lembra como foram feitas as bolas antes? E vimos que a salsicha é fininha e a bola é grossa, então não há mais massa aqui na bola que na salsicha? Como você pode explicar?

A. Não são iguais. Porque no início era a mesmo tanto de massa.

P. Se volto a fazer uma bola com esta salsicha, terá ou não a mesma quantidade de massa?

A. O mesmo tanto de massa.

Na 2ª transformação, transforma-se uma das bolas em bolacha.

P. e agora há o mesmo tanto de massa na bola e na bolacha? Alguma tem mais ou tem menos? Como você sabe?

A. sim o mesmo tanto. As duas têm mesmo tanto de massa.

P. Mas, a bolacha é maior, não acha que por isso há mais massa na bolacha do que na bola. Como você sabe?

A. Não tem o mesmo tanto de massa.

P. você se lembra como foram feitas as bolas antes? E vimos que a bolacha é maior e a bola é mais grossa, então não há mais massa aqui na bola que na bolacha? Como você pode explicar?

A. sim, porque as duas bolas estavam iguais com mesmo tanto de massa.

P. Se volto a fazer uma bola com esta bolacha, terá ou não a mesma quantidade de massa.

Terceira transformação fragmenta uma das bolas em pedacinhos 8 pedaços vamos imaginar que estamos comendo e esta será a sua comida e esta a minha então ela dividiu 8 pedaços com mesma quantidade de massa demorou um Apresentei duas bolas de massa de modelar de cores diferentes pedirem para igualar as duas bolas de massa depois pesou até consegui o equilíbrio.

P. Agora transforme uma das bolas em salsicha você acha que a salsicha pesa o mesmo que a bola? Como você sabe?

A. Sim pesa o mesmo tanto, sei por que pesamos na balança.

P. Alguma das duas tem mais ou tem menos que a outra? Como você sabe?

A. Mesmo tanto pesei na balança.

P. Mas, a salsicha é mais comprida, você não acha que há mais aqui na salsicha do que na bola? Como você sabe?

A. Mesmo tanto porque pensei tem o mesmo tanto de massa.

P. Outra criança me disse que na salsicha há mais massa do que na bola. O que você acha disso?

A. ela estava errada porque na salsicha não tem mais massa.

P. Mas, se a salsicha é mais fininha e a bola e a bola mais grossa não acham que a salsicha pode pesar menos que a bola? Explique:

A. Sim porque é mais fininha.

P. Se eu volto a fazer uma bola com esta salsicha haverá ou não o mesmo peso que na bola?

A. sim o mesmo peso.

Na segunda transformação pedi para transforma uma das bolas em bolacha. E agora há o mesmo peso na bola e na bolacha? Como você sabe?

A. mesmo peso tem o mesmo tanto de massa.

P. Alguma das duas tem mais ou tem menos que a outra? Como você sabe?

A. mesmo tanto porque nos pesamos no inicio.

P. Mas, a bolacha é mais larga e maior. Você não acha que pesa mais a bolacha do que a bola? Como você sabe?

A. Mesmo tanto, pesamos a massa.

P. Se eu voltar a fazer uma bola com esta bolacha haverá ou não o mesmo peso na bola e na bolacha?

A. sim

Na terceira transformação pedi para dividir em 8 pedaços uma das bolas como se pudéssemos comer e na outra bola mais oito para eu comer teríamos que comer o mesmo tanto, demorou foi lenta mais consegui.

Pouco mais

Prova de conservação de Peso

Apresentei duas bolas de massa de modelar de cores diferentes pedirem para igualar as duas bolas de massa depois pesou até consegui o equilíbrio.

P. Agora transforme uma das bolas em salsicha você acha que a salsicha pesa o mesmo que a bola? Como você sabe?

A. Sim pesa o mesmo tanto, sei por que pesamos na balança.

P. Alguma das duas tem mais ou tem menos que a outra? Como você sabe?

A. mesmo tanto pesei na balança.

P. Mas, a salsicha é mais comprida, você não acha que há mais aqui na salsicha do que na bola? Como você sabe?

A. Mesmo tanto porque pesei tem o mesmo tanto de massa.

P. Outra criança me disse que na salsicha há mais massa do que na bola. O que você acha disso?

A. ela estava errada porque na salsicha não tem mais massa.

P. Mas, se a salsicha é mais fininha e a bola e a bola mais grossa não acham que a salsicha pode pesar menos que a bola? Explique:

A. Sim porque é mais fininha.

P. Se eu volto a fazer uma bola com esta salsicha haverá ou não o mesmo peso que na bola?

A. Sim o mesmo peso.

Na segunda transformação pedi para transforma uma das bolas em bolacha. E agora há o mesmo peso na bola e na bolacha? Como você sabe?

A. Mesmo peso tem o mesmo tanto de massa.

P. Alguma das duas tem mais ou tem menos que a outra? Como você sabe?

A. Mesmo tanto porque nos pesamos no inicio.

P. Mas, a bolacha é mais larga e maior. Você não acha que pesa mais a bolacha do que a bola? Como você sabe?

A. Mesmo tanto, pesamos a massa.

P. Se eu voltar a fazer uma bola com esta bolacha haverá ou não o mesmo peso na bola e na bolacha?

A. sim

Na terceira transformação pedi para dividir em 8 pedaços uma das bolas como se pudéssemos comer e na outra bola mais oito para eu comer teríamos que comer o mesmo tanto, demorou foi lenta mais consegui.

Apresentei duas bolas de massa de modelar de cores diferentes pedirem para igualar as duas bolas de massa depois pesou até consegui o equilíbrio.

P. Agora transforme uma das bolas em salsicha você acha que a salsicha pesa o mesmo que a bola? Como você sabe?

A. Sim pesa o mesmo tanto, sei por que pesamos na balança.

P. Alguma das duas tem mais ou tem menos que a outra? Como você sabe?

A. mesmo tanto pesei na balança.

P. Mas, a salsicha é mais comprida, você não acha que há mais aqui na salsicha do que na bola? Como você sabe?

A. Mesmo tanto porque pesei tem o mesmo tanto de massa.

P. Outra criança me disse que na salsicha há mais massa do que na bola. O que você acha disso?



A. ela estava errada porque na salsicha não tem mais massa.

P. Mas, se a salsicha é mais fininha e a bola e a bola mais grossa não acham que a salsicha pode pesar menos que a bola? Explique:

A. Sim porque é mais fininha.

P. Se eu volto a fazer uma bola com esta salsicha haverá ou não o mesmo peso que na bola?

A. sim o mesmo peso.

Na segunda transformação pedi para transforma uma das bolas em bolacha. E agora há o mesmo peso na bola e na bolacha? Como você sabe?

A. mesmo peso tem o mesmo tanto de massa.

P. Alguma das duas tem mais ou tem menos que a outra? Como você sabe?

A. mesmo tanto porque nos pesamos no inicio.

P. Mas, a bolacha é mais larga e maior. Você não acha que pesa mais a bolacha do que a bola? Como você sabe?

A. Mesmo tanto, pesamos a massa.

P. Se eu voltar a fazer uma bola com esta bolacha haverá ou não o mesmo peso na bola e na bolacha?

A. sim

Na terceira transformação pedi para dividir em 8 pedaços uma das bolas como se pudéssemos comer e na outra bola mais oito para eu comer teríamos que comer o mesmo tanto, demorou foi lenta mais conseguiu. Conseguiu dizendo agora tem A: Não as duas têm 7 fichas

## **Provas Projetivas Psicopedagogicas**

Eu e os meus companheiros.

Conversando com a criança pedi que fizesse o desenho. Eu e meus companheiros.

Então A. se desenhou primeiro depois P. B. M. e a professora C. Solicitei que escrevesse a idade de cada uma escreveu 8 anos para ela e P. 7 anos para B. É 29 para professora

Perguntei quem era cada um dos personagens:

P. B. M. São minhas melhores amigas de sala, gosta mais delas, elas sentam perto de mim C. É a tia.

## **Família Educativa**

Na situação de A. não convive com seus pais, portanto ela não os desenhou, porém colocaram em seu desenho os dois irmãos mais novos que vivem com sua mãe em outro estado.

Em seu desenho está o irmão D. o primo T. as tias V. e N. Pedi que colocasse a idade ela colocou adequadamente a idade de cada membro de sua família

Depois que colocasse o que cada um estava fazendo é o que ensina A. relatou que seu irmão só sabe fazer xixi, pois fica no banheiro muito tempo, seu primo brinca muito com um boneco sua tia V. cuida da casa e N. costura, mas ninguém ensina nada para ela

## **Par Educativo**

Conversando com a criança pedi que ela fizesse um desenho de uma pessoa que ensina e outra que aprende, desenhou sua madrinha P. dizendo ser a pessoa que ensina é ela própria como a que aprende.

Então continuei agora escreva quantos anos tem você é sua madrinha, a menina escreveu 8 anos para ela e 29 anos para madrinha.

No próximo momento que desse um título para o desenho, do qual desenhou deu lhe o título de "História Feliz"

Pedi para relatar o acontecido:

Essa é a P. minha madrinha ela me ensina a fazer o dever de casa, escreve no papel a resposta eu copio no meu caderno, porque não sei ler.

## **Provas Pedagógicas**

As atividades pedagógicas realizadas foram pulando no alfabeto, numa folha xerocopiada com desenho do macaco Panchito que queria atravessar o lago para chegar até Chicória, pedi que a garota pronunciasse as letras, ela reconheceu o alfabeto e coloriu as pedras até chegar á Chicória.

Outra atividade pedagógica foi á cruzadinha com as palavras fofa, fofo, fada, facada, fofoca, fio café, fubá, bife, faca, bofe, foi, fedido, bafo e fica o nome embaixo a cima as figuras com a cruzadinha.

No ditado tinha gravuras como menina, rodo, roupa, cuco, oca, copo, bico e coco, falei para que ela escrevesse os nomes de acordo com a figura.

Mediante a leitura foi entregue um texto com o titulo de “Formiga Viriata” para fazer a leitura silenciosa relatou que não sabe ler mais com insistência prossegui a leitura às vezes parava e me olhava logo dava continuidade. Na leitura em voz alta foi soletrando vagarosamente até o término da leitura do texto.

A redação apresentou mais dificuldade na sua ortografia escreveu poucas palavras, Já na cópia conseguiu copia todo o texto sem apresentar dificuldade. Na interpretação de texto apresenta dificuldade pela dificuldade no ato de ler.

Através da prova pedagógica em matemática não obedece a ás colunas da dezena, centena e milhar, obedece á direção espacial da direita para a esquerda, não inverte os números, em relação aos problemas tem dificuldade em ler e entender o que lê. Conhece algumas formas geométricas.

## **Entrevista com a professora**

O aluno vai bem à escola

Não

É inquieto na escola?

Não

Como se comporta em brigas? Agride ou chora?

Chora

Como reage quando contrariada?

Fica nervosa

Precisa de ajuda para fazer alguma coisa?

Quase tudo, para ler as atividades, tem dificuldades em cálculos leitura e escrita em geral.

Como é sua postura na carteira ao escrever?

Sempre deitada.

Apresenta dificuldade motora?

Não.

Em qual destas características a criança a criança se encaixa mais?

Retraída, calma e desligada.

Tem alguma outra dificuldade em classe? Qual?

Sim, levanta muito.

Comparada com outras crianças, como ela é mais infantil, na média ou mais amadurecida?

Na média.

### **Observação do Material Escolar**

O método de ensino é tradicional, o sujeito não apresenta um nível de pensamento adequado ao ano escolar, demonstra não compreender o que é solicitado pela professora.

O tipo de atividade predominante e cruzadinha e caçam palavras sem concluir as atividades, sua escrita era com maior dificuldade no início do ano letivo, sua escrita com omissões, troca de fonema.

A professora faz as correções nas atividades que são feitas no local do erro, assinala mais erros. Porém já é possível verificar um pequeno progresso na escrita da criança.

Na primeira fase do Inventário a ação do aprendente com a caixa do jogo se mostra curiosidade, tem iniciativa, criatividade e imaginação.

Demonstra prazer durante o jogo, explora a caixa, na organização consegue fazer argumentações, escolha utiliza os objetos em busca de uma construção de uma história.

Na Interpretação/ antecipação tem capacidade de domínio no seu jogar, apresenta um bom grau de tolerância frente a situações de frustração.

Na primeira sessão espalhei algumas folhas de chamex coloridas perguntei o que queria desenhar, ela disse que uma menina então escolheu a cor rosa e desenhou, depois recortou e colou em folha branca, deu o nome de M.

P. Quem é M.?

A. É minha prima que mora de frente a minha casa, gosto de brincar com ela.

P. Quantos anos M. têm?

A. Tem quatro anos.

P. Você gosta de brincar com crianças menores que você?

A. sim.

Depois me perguntou se poderia desenhar uma tesoura, disse que sim após A. ter feito o desenho disse que a tesoura chamava A.P.

P. Quem é A.P.?

A. É a diretora da minha escola.

P. Por que você deu o nome da diretora para tesoura?

A. Porque gosto muito de cortar, e gosto da diretora.

P. Você corta sempre a tia da escola não deixam, mas em casa eu corto?

